

Horas na fila da emergência

O pintor de paredes Hélio Alves, 50 anos, acompanhava a esposa Janizete, 48 anos, que tem diabetes e ainda sofre de pressão alta. “Estamos esperando desde às 7h e já são 12h e nada. Quando não tem médico, em vez de os funcionários avisarem o pessoal, eles ficam dando esperança e dizendo que o médico já vai chegar”, conta Hélio. Quando questionado por alguns pacientes sobre a previsão de atendimento, Cláudio disse que não poderia fazer idéia porque tinha paciente esperando desde às 6h e que ainda não tinha sido atendido. A essa altura, já passava das 11h, e enquanto as horas iam passando o hall de entrada do Pronto Socorro ficava cada vez mais cheio. Para conseguir um banco para sentar era preciso muita agilidade para, quando alguém se levantasse, correr para não perder o lugar.

Enquanto a diarista Eunice da Silva, 48 anos, estava há três horas sentindo tonturas, dores pelo corpo e cansaço por causa de uma anemia, uma outra paciente, que não quis se identificar, tentava fazer com que o funcionário responsável por chamar os pacientes para o atendimento passasse a sua



Pacientes exigem, em vão, mais pressa no atendimento

ficha para frente. “Acho que ele vai me ajudar porque conhece a minha irmã”, conta a paciente. O funcionário pediu para ela esperar e não deixou claro que iria atender o seu pedido. “O povo fica largado aqui no hospital e se

alguém morrer esperando, ninguém nem vai perceber”, diz Eunice. O vigilante Francisco Gomes, que também esperava atendimento, desabafa: “Cachorro de madame é tratado melhor do que a gente”. (P.O.)